

Comissão aprova limite aos celulares

Proposta que proíbe uso de aparelho em ambiente escolar avança na Câmara dos Deputados. Ministro defende a iniciativa

• MARIA BEATRIZ GIUSTI*

O maior desafio dos profissionais da educação não é mais a conversa paralela ou as brincadeiras no meio da aula. Hoje, o celular é o maior adversário para o aprendizado de crianças e adolescentes. A proibição do uso de aparelhos em sala de aula é tema defendido pelo governo federal e ganhou um capítulo novo no Congresso Nacional. A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou, ontem, o Projeto de Lei 104/2015 que proíbe o uso de celulares em todo o ambiente escolar, inclusive, no intervalo, por alunos do ensino básico, fundamental e médio em todas as escolas públicas e privadas brasileiras. Relatado pelo deputado federal Diego Garcia (Republicanos-PR), o projeto segue para a Comissão de Constituição e Justiça da Casa e, caso aprovado, irá para o Senado.

Pela proposta, os celulares poderão ser usados apenas em atividades pedagógicas, com a autorização dos professores; ou em caso de estudantes que utilizam os aparelhos eletrônicos como um meio de acessibilidade, como para alunos com deficiência que usam tecnologias assistivas.

De autoria do deputado Alexu Moreira (PMDB-RS), o projeto de lei estava parado desde 2015 na Câmara. O relator da proposta, deputado Diego Garcia (Republicanos-PR), expressou preocupação com a saúde mental dos alunos que, segundo ele, pode ser melhorada com o uso moderado de aparelhos celulares.

"O tema do sofrimento psicológico e da saúde mental dos alunos da educação básica deve ser abordado profundamente em reuniões com pais e famílias, apresentando as informações sobre os riscos, os sinais e a prevenção do sofrimento psicológico de crianças e adolescentes, incluindo o uso inadequado dos celulares e de acesso a conteúdos impróprios", prevê Garcia no relatório.

Em setembro, o governo federal também anunciou o desenvolvimento de um projeto de lei para proibir o uso de aparelhos eletrônicos dentro de sala de aula, com



Em escola de Brasília, estudantes deixam os celulares em um escaninho: excesso de eletrônicos afeta aprendizagem e saúde mental



Eu iria além, porque [os celulares] acabam com a socialização entre os alunos. Quando eu estava na escola, jogava bola e ia para a biblioteca. Precisamos dar limites. Ninguém conversa mais nem em restaurantes"

Camilo Santana,
ministro da Educação

o objetivo de melhorar o desempenho dos alunos brasileiros. No entanto, a matéria ainda não tem previsão para ser divulgada.

Longo caminho

Ao Correo, o deputado federal Badai Brito (MDB-AL), presidente da Frente Parlamentar Mista da Educação, argumentou que ainda existe um longo caminho para que o projeto seja implementado com a adaptação dos professores e alunos.

"Como toda legislação que tem por objetivo modificar uma prática que está enraizada em uma sociedade, acredito que a principal dificuldade será na mudança da cultura do uso dos aparelhos. Mas acredito que a comunidade escolar contará com o apoio das famílias e que toda a sociedade trabalhará em conjunto para garantir que as tecnologias sejam utilizadas de forma positiva, para fins pedagógicos e quando necessária, bem como reduzindo os danos que o excesso de telas tem provocado

para os nossos jovens", diz Brito.

Durante reunião ministerial do C20 em Fortaleza, ontem, o ministro da Educação, Camilo Santana, afirmou que "é preciso dar limites" para crianças e adolescentes no uso de celulares. "Nós estamos com a ideia de aproveitar já o projeto de lei (PL) que está sendo discutido na Câmara, para regular e proibir o uso do aparelho celular individual dentro da sala de aula. Nas reuniões bilaterais com vários ministros, ontem e hoje, falamos que muitos países estão regulamentando o uso desse equipamento nas escolas. O Brasil tem algumas leis municipais e estaduais já implementadas, mas a ideia é ter um projeto nacional", disse o titular do MEC.

De acordo com o ministro, o objetivo é permitir que o uso de celulares se restrinja apenas para fins pedagógicos ou em casos excepcionais como para alunos com deficiência que usam tecnologia assistiva.

Santana disse ainda que, pessoalmente, concorda em proibir

o uso de aparelhos eletrônicos.

"Eu iria além, porque [os celulares] acabam com a socialização entre os alunos. Quando eu estava na escola, jogava bola e ia para a biblioteca. Precisamos dar limites", disse. "Ninguém conversa mais nem em restaurantes", completou Santana.

Atualmente, algumas cidades brasileiras já implantaram a medida, como a cidade do Rio de Janeiro que, desde o início do ano, não permite o uso de celulares em escolas municipais. Em entrevista à Super Rádio Tupi, do Rio de Janeiro, na terça-feira, o secretário municipal de Educação de RJ, Renan Ferreira, divulgou uma pesquisa inédita da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, em que, em escolas onde o uso é proibido, os alunos apresentaram melhores desempenhos em matemática e português.

"Um aluno do nono ano, por exemplo, tem 53% mais chances de estar no nível adequado em matemática", expõe Ferreira. "Não faz nenhum sentido que, enquanto o professor está

explicando, o aluno esteja jogando. Toda vez que o aluno recebe uma notificação (do celular), é como se ele saísse da sala de aula", comentou.

Isolamento

O neurocientista e autor do livro *Exatidão, logo penso*, Roberto Lent explica que o uso excessivo de celulares causa prejuízo no foco atencional de todas as pessoas, especialmente das crianças. "A capacidade de foco e de atenção é uma função cerebral que fica situada na região pré-frontal do cérebro, na altura da testa de todo mundo. O uso excessivo de aparelhos eletrônicos causa um prejuízo sério para a capacidade de concentração das pessoas", explica.

O diretor e pedagogo de uma escola particular no Distrito Federal Marcelo Tavares conta que as organizações dos ciclos sociais dentro das escolas estão mudando devido ao uso excessivo de celulares por crianças e adolescentes, além dos prejuízos educacionais.

"Conseguimos diferenciar em três tipos de crianças com seus celulares. O primeiro é o padrão, em que as crianças interagem, mas o fator de interação entre elas é a tela do celular. Elas gravam as danças das dancinhas do TikTok, comentam nas publicações dos amigos", argumenta. "O segundo tipo é muito mais preocupante, porque a criança usa as telas, mas se isola dos outros alunos. É aquela criança que está muito bem no seu joguinho, no Instagram, ela sai para o intervalo e fica sozinha mexendo no celular", aponta o diretor.

"O último é o mais grave. É quando esse isolamento se torna uma fuga para criança que se sente excluída dos grupos na escola, mas não é um isolamento em que ela está construindo cenários dos quais ela se diverte e interage, ela está nesse isolamento porque aquilo ali é uma fuga da realidade", explica.

"Estagiária sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza"

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Brasil Pagina: 6